

Terapia Aquática Multidisciplinar com participação familiar como alternativa de intervenção no TEA

Janaina Maria Remédio Salvador

Regina Alves Ribeiro Schio

Resumo

O projeto Golfinho Azul é uma terapia interdisciplinar realizada em ambiente aquático pelos setores de fisioterapia e psicologia da APAE de Poços de Caldas-MG e foi pensado para crianças com dificuldades de adaptação nas terapias convencionais. O projeto teve a duração de seis meses e os atendimentos tinham a duração de 30 minutos semanais. Os grupos atendiam de 3 a 4 crianças de acordo com semelhanças no perfil terapêutico. As atividades realizadas foram planejadas de modo a englobar os variados aspectos do desenvolvimento, como cantigas de roda, encaixes, pareamentos, leitura e, principalmente, circuitos psicomotores. Após seis meses de atendimento, a equipe observou significativa melhora do comportamento funcional e tolerância diante das intervenções, maior frequência da intencionalidade, aumento da intenção comunicativa, reconhecimento das terapeutas como parceiras, construção de um novo olhar sobre os filhos e maior sentimento de segurança diante do fazer da família. Além disso, as crianças demonstraram melhor adaptação a rotina escolar, atendimentos terapêuticos coletivos e individuais. Outro aspecto fundamental foi vivenciar a participação familiar no processo terapêutico que, corroborando com as literaturas atuais se mostra como condição sine qua non neste processo. A família sentindo-se segura, acolhida, demonstra empoderamento para atuar de forma ativa e colaborativa nas intervenções.

Palavras-chaves:

transtorno do espectro autista; atendimento interdisciplinar, participação familiar

1 Introdução

O projeto Golfinho Azul foi um trabalho realizado pelos setores de fisioterapia e psicologia da APAE de Poços de Caldas-MG visando o atendimento interdisciplinar de crianças com diagnóstico de autismo que apresentavam

dificuldades de adaptação às terapias convencionais. Foi um projeto piloto inicialmente pensado para criar oportunidades para a construção de vínculos entre terapeutas e assistidos. Foi neste contexto que o ambiente aquático foi selecionado para ser facilitador neste processo e por trazer ludicidade para a criança que dele se beneficia.

A água tem a potencialidade de desenvolver estímulos e habilidades à criança, por meio de atividade motora, cognitiva, sensorial e afetiva. Os movimentos realizados na água, gera na criança uma semelhança com os movimentos e comportamentos diários a serem executados. Proporcionar um ambiente terapêutico enriquecedor e, principalmente, acolhedor, traz consigo incontáveis possibilidades de crescimento e desenvolvimento à criança atendida.

Matias e Ferreira (2019) destacam que *“O ambiente aquático deve ser encarado como um meio no qual é possível criar um contínuo de necessidades para que se possa intervir, buscando uma maior proximidade multidisciplinar. Há vários profissionais capacitados a trabalhar neste meio, sendo que cada um utiliza as abordagens inerentes a sua formação. Estamos falando de um mesmo meio e um mesmo corpo, algo em comum em todas as abordagens”*.

No que diz respeito aos atendimentos, é importante salientar que cada criança é única em seu existir e em seu desenvolver, mesmo que haja diagnósticos semelhantes, as propostas de intervenção serão sempre pensadas de forma exclusiva.

É neste sentido que trazemos aqui a necessidade de utilizarmos os espaços institucionais disponíveis em suas variações de possibilidades, de forma a abranger as demandas dos atendidos em suas singularidades.

Em especial, trataremos aqui das crianças diagnosticadas com TEA (Transtorno do Espectro Autista) e as possibilidades de atendimento na modalidade de terapia aquática, como facilitadora do processo terapêutico.

O TEA (Transtorno do Espectro Autista) é um transtorno do neurodesenvolvimento, no qual algumas funções neurológicas não se desenvolvem da forma como deveriam. É uma condição complexa e muitos fatores contribuem para o risco. De forma sucinta, os déficits englobam disfunções de sociocomunicação e padrões repetitivos de comportamentos e interesses restritos (Gaiato, 2018).

No entanto, cada indivíduo é único, as crianças com TEA podem apresentar nuances diversas dentro das características do espectro, demandando dos terapeutas que acompanham um leque abrangente e diversificado de intervenções, para que se possa cada vez mais ampliar o repertório destas crianças.

Gaiato (2018) ainda ressalta que, quando feitas de maneira correta, direcionadas a comportamentos e aprendizagens funcionais, fortalecidas de maneira adequada, as intervenções terapêuticas criam novas ligações neuronais, graças a neuroplasticidade, as quais são capazes de gerar aprendizados que mudam vidas. No entanto, para aprender, o cérebro precisa sair de sua zona de conforto, é neste sentido que intervenções, em diferentes contextos, são fundamentais para os processos de aprendizagem da criança.

Se pensarmos na água como facilitador de tratamento, poderemos esperar resultados surpreendentes.

Diante de todo contexto explicitado, o trabalho proposto é a realização de intervenções combinadas com crianças autistas na piscina, com fins terapêuticos, objetivando preservar, manter, desenvolver e restaurar a capacidade funcional da criança. Além disso, proporciona estímulos motores, sensoriais, afetivos, sociais, e trabalha a confiança e autoestima das crianças em um ambiente lúdico e prazeroso. É fortalecer vínculos entre usuários e terapeutas, e entre os usuários para que as propostas terapêuticas sejam realizadas de maneira acolhedora e objetiva, proporcionando assim a construção de janelas de oportunidades para o aprendizado que possam ser contínuas em seu processo.

Deste modo, o projeto Golfinho Azul, foi pensado inicialmente para usuários com diagnóstico de TEA, mas atualmente atende também crianças sem diagnóstico, todas elas apresentando dificuldades na construção de vínculos nas terapias convencionais, o que dificultava a construção do plano terapêutico de cada uma. Neste sentido, a estratégia de utilizar o ambiente aquático de forma multidisciplinar se deu como forma de preparo destas crianças para uma rotina de atendimento. Ressaltamos aqui que, as famílias foram orientadas de que as atividades desenvolvidas não seriam terapia aquática, devido às condutas terapêuticas e técnicas utilizadas, mas sim atividades terapêuticas em ambiente aquático.

Já a participação familiar neste ambiente, junto da equipe é uma forma de reforçar vínculos, e trabalhar orientações sobre continuidade das intervenções em casa. A família aprende na prática formas de manejo de comportamento não funcionais e reforço de habilidades sociais.

2 Desenvolvimento

Inicialmente, a equipe multidisciplinar realizou um estudo de caso sobre as crianças que poderiam se enquadrar nos pré-requisitos do projeto, que seriam:

- Dificuldade de Adaptação aos atendimentos convencionais;
- Pouca evolução terapêutica nas terapias convencionais;
- Resistência diante da aproximação dos terapeutas;
- Baixo limiar diante de frustrações.

As crianças foram divididas em grupos de 3 a 4 participantes, acompanhados de suas mães ou responsáveis, os quais foram encaminhados para avaliação e conduta médica para liberação de atestado de aptidão para utilizar a piscina, conforme descrito no POP (Procedimento Operacional Padrão) interno da Instituição, onde se define as orientações para uso da piscina.

Os grupos foram formados de acordo com faixa etária e perfil terapêutico. Cada encontro realizado teve a duração de 30 minutos e as famílias receberam orientações sobre formas de continuidade dos aspectos trabalhados no ambiente familiar. Além disso, em muitos momentos, de maneira espontânea entre as famílias, houveram trocas de experiências e partilhas.

As crianças permaneceram no projeto por seis meses. Após este período, foram encaminhadas para atendimentos convencionais e individuais, sala de AEE (Atendimento Educacional Especializado) ou sala de intervenção precoce PIPA (Programa de Intervenção Precoce Avançado), conforme PTI (Plano Terapêutico Individualizado) elaborado pelos terapeutas responsáveis.

As atividades realizadas foram planejadas de modo a englobar os variados aspectos do desenvolvimento. Por meio de cantigas de roda, encaixes, pareamentos, leitura e, principalmente, circuitos psicomotores.



A psicomotricidade no meio aquático é fundamentada em atividades que estimulem o indivíduo a se conhecer, através da consciência corporal e da sua compreensão de espaço tempo, além de aprender e aceitar estímulos motores. O meio líquido proporciona o autoconhecimento do corpo de forma mais ampla, possibilitando mais conforto e segurança, melhorando assim a funcionalidade, o comportamento, e a interação social. Durante o projeto, as terapeutas orientavam os familiares em como dar os comandos para que as crianças realizassem os circuitos, desta maneira, conseguimos trabalhar a autoridade dos pais e, principalmente, o empoderamento dos mesmos diante de situações controle.



Após conclusão de seis meses no projeto, a equipe observou significativa melhora do comportamento funcional e tolerância diante das intervenções, maior

frequência da intencionalidade, aumento da intenção comunicativa, reconhecimento das terapeutas como parceiras, construção de um novo olhar sobre os filhos e maior sentimento de segurança diante do fazer da família. Além disso, as crianças demonstraram melhor adaptação a rotina escolar, atendimentos terapêuticos coletivos e individuais.

Conclusão

O projeto nos fez pensar que, enquanto terapeutas, devemos sempre desconstruir nosso saber e buscar enxergar as janelas de oportunidade que cada criança nos apresenta. Podemos dispor dos mais variados recursos, mas, neste projeto, o que nos foi valioso foi o olhar, o contato físico e as cantigas de roda. Outro aspecto fundamental foi vivenciar a participação familiar no processo terapêutico que, corroborando com todas as literaturas atuais se mostra como condição *sine qua non* neste processo. A família sentindo-se segura, acolhida, demonstra empoderamento para atuar de forma ativa e colaborativa nas intervenções.

REFERENCIA:

American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Nascimento MIC; Machado PH; Garcez RM; Pizzato R; Rosa SMM, translator. Porto Alegre: Artmed; 2014. 992 p.

FERREIRA, Ana Isabel. **Terapia Aquática: Indicações, métodos e estratégias**. 1ª ed. - Lisboa : Papa-Letras, 2019.

FIORE CORREIA, O.; LAMPREIA, C. A **conexão afetiva nas intervenções desenvolvimentistas para crianças autistas**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 32, n. 4, p. 926-941, 2012

GAYATO, Mayra. **SOS Autismo: Guia completo para entender o transtorno do espectro autista**. São Paulo: nVersos, 2018.

PINTO, R. N. M.; TORQUATO, I. M. B.; COLLET, N.; REICHERT, A. P. D. S.; SOUZA NETO, V. L. D.; SARAIVA, A. M. Autismo infantil: impacto do diagnóstico

e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, n. 3, 2016.

POLLI, Alessandra Hellmann, et al, **Efeitos da Hidroterapia associada à psicomotricidade em crianças diagnosticadas com transtorno do espectro autista: uma revisão integrativa**. Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA, Ariquemes, v. 15, n. 1, p. 29-47, 2024.